

AS RUPTURAS DO DIZER: UMA DISCUSSÃO SOBRE A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA LÍNGUA

Denise Lima Gomes da Silva¹

RESUMO

Neste artigo, fruto de nossa pesquisa teórica de doutorado em andamento, pretendemos refletir sobre a questão da produção de sentidos na aproximação entre Lingüística e Psicanálise. A partir da teoria do significante em Lacan, nos perguntamos: é possível compreender, no sistema linguístico saussuriano, uma constituição de sentidos que escapa a linearidade? Haveria em Saussure um movimento entre o previsível e o imprevisível? Para tanto, discutiremos a noção de arbitrariedade e a conseqüente teoria do valor. Propomos, através da noção de arbitrariedade e do valor, que o sistema lingüístico saussuriano é acima de tudo um trabalho com a produção de sentidos. O sistema da língua, tal como colocado por Saussure, nos permite enxergar uma produção de sentidos que não é apenas linear, mas é fruto também, de um movimento contrário, aberto a rupturas.

Palavras-chave: Produção de sentidos. Significante. Sistema lingüístico. Arbitrariedade. Valor.

LINGÜÍSTICA E PSICANÁLISE: UMA APROXIMAÇÃO

Com o aforismo de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não há dúvidas de que Lacan (1978a) aproximou Freud e Saussure, psicanálise e lingüística, inconsciente e linguagem. No entanto, o campo de aproximação entre a lingüística e a psicanálise ainda não é muito sereno. Apesar de ser a linguagem um objeto comum às duas disciplinas, o cenário entre Saussure e Lacan é marcado ora por contatos íntimos ora por desconhecimentos recíprocos.

No campo da psicanálise, segundo Beividas (2006), por mais numerosas que sejam as referências ao conceito lacaniano, os textos psicanalíticos não teorizam

muito o significante lacaniano. Bevidas (2006, p.2) explica que para “foro interno”, isto é, na psicanálise, o significante lacaniano aparece nas discussões teóricas como um conceito já pronto, desproblematizado, é comum encontrar reflexões que não vão muito além da justaposição de várias citações de Lacan, como se as citações falassem por si só, suficientemente. Por conseguinte, para “foro externo”, o autor acredita que os psicanalistas muitas vezes posicionam o significante lacaniano “numa trincheira apofática”, isto é, não é o fonema de Jakobson, não é o signo de Pierce, não é o significante de Saussure, ou seja, não tem nenhuma relação com a concepção lingüística de significante, criando assim um “invólucro secreto” em torno do conceito do significante.

No campo da lingüística, segundo Bevidas (2006), a situação não é muito animadora, a teoria do significante lacaniano é praticamente ausente. Como se sabe, Lacan tinha uma proximidade pessoal com lingüistas como Jakobson e Benveniste. No seminário livro 20 (1985), por exemplo, Lacan em um dos capítulos faz várias menções à Jakobson. No entanto, segundo Bevidas (2006), é observável que nem Jakobson nem Benveniste fazem menção em nenhum de seus textos à teoria do significante lacaniano. “Dificuldade de compreensão do seu estilo? Omissão de um reconhecimento teórico a que Lacan foi (injustamente) destinado? Não importa” diz Bevidas (2006, p. 2). O que é notório é que nem em Jakobson nem Benveniste, considerados autoridades do campo lingüístico, discutiu, questionou ou refletiu o significante lacaniano.

Somente a partir dos esforços de Michel Arrivé é que encontramos o desafio de compreender a paisagem formada pela relação entre lingüística e psicanálise. Arrivé não apenas faz um estudo a respeito das diferenças e das semelhanças entre o significante lacaniano e o signo saussuriano, mas também procura discutir no campo da lingüística a teoria do significante lacaniano. Arrivé (1999) acredita que com a teoria lacaniana não há como evitar uma conexão entre linguagem e inconsciente, entre lingüística e psicanálise.

Pesquisadores como Teixeira (2000) e Flores (1999) nos mostram que entre a lingüística e a psicanálise existem pelo menos duas possibilidades de trabalho: uma com a estrutura e outra com o sujeito. Flores (informação verbal)², entretanto, defende que quando trabalhamos no campo entre as duas disciplinas não podemos pensar em uma articulação, para ele não é possível uma articulação

entre a lingüística e a psicanálise. Segundo o autor (idem) articular significa unir partes tendo como finalidade produzir um elemento, o autor defende que entre a duas disciplinas existe uma implicação, isto é, uma relação entre proposições.

Pensamos conforme Nóbrega (2006), que o contato entre lingüística e psicanálise não acontece sem riscos e que é necessário que tanto lingüistas como psicanalistas procurem escutar cada um ao seu modo. Constitui, portanto, um desafio. Desafio da interdisciplinaridade, que segundo a autora (2006) deve ser enfrentado sob dois princípios. Primeiro é necessário ter uma preocupação de que os conceitos das duas disciplinas não devem ser utilizados como simples acréscimos ou colagem, sendo preciso todo um trabalho de interpretação dos conceitos, uma readaptação. E, segundo, é necessário assumir um lugar - lingüística ou psicanálise -, e falar sem se deixar seduzir pelo outro, por mais encantador que possa parecer.

Colocamo-nos, então, no lugar da lingüística e partimos do princípio de que tanto em Saussure quanto em Lacan existe a idéia de que há na produção do discurso algo que foge ao domínio do sujeito, algo que escapa ao locutor, ao falar sempre dizemos mais do que pretendemos, mais do que temos consciência. Neste campo de aproximação entre a lingüística e a psicanálise não é objetivo do nosso trabalho apontar as possíveis semelhanças e diferenças entre a teoria de Saussure e Lacan, mas sim, buscar compreender na língua tal como pensada por Saussure a possibilidade de um movimento do nonsense.

A CADEIA SIGNIFICANTE

A questão do sentido para a psicanálise está colocada justamente onde o sentido aparenta não estar. A linguagem não se revela como um lugar de transparência, de comunicação mas, antes de tudo, como um lugar de ocultamento. O falar nunca assume uma única dimensão e há sempre outros dizeres por trás daquilo que se diz.

A descoberta psicanalítica introduz uma outra noção de sentido que não se encontra em lingüística, a noção do sentido no sem-sentido. Na psicanálise, o discurso consciente é lacunar e nas lacunas do discurso consciente há um outro discurso que se inscreve. O discurso pode ser comparado a uma carta em que um

primeiro texto escrito foi apagado e recoberto por um segundo texto. O primeiro texto somente se tornará perceptível nas falhas deixadas pelo segundo. É nas falhas do discurso consciente que um outro discurso revela a sua existência. Para a psicanálise, embora as falhas se apresentem à primeira vista incompreensíveis, elas refletem um saber e, portanto, um sentido. O equívoco seria, então, um ato bem sucedido que surge de um outro lugar, que não é a instância do eu, mas sim a instância de um saber que Freud chamou de inconsciente.

Para Lemaire (1989), a originalidade de Lacan consiste em ter analisado a teoria freudiana à luz do método estruturalista e do enfoque da lingüística. Para Lacan (1999, p.52), as leis de composição do inconsciente, que ele denomina de leis do significante, coincidem exatamente com as leis de composição do discurso, a estrutura do inconsciente corresponde “ao que a análise lingüística nos permite situar como sendo os meios essenciais de formação do sentido, na medida em que este é gerado pelas combinações do significante”.

Lacan, então, em sua teoria estabelece uma relação entre inconsciente e linguagem. Em diversos textos afirma claramente que o inconsciente é constituído por movimentos semelhantes ao da linguagem, considerando a linguagem como algo que constitui o inconsciente. Em *Radiofonia*, por exemplo, Lacan (2003, p.404) chega a afirmar que “a linguagem é a condição do inconsciente”.

Em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan (1978a), para explicar qual é a estrutura de linguagem comum ao inconsciente, utiliza um algoritmo S/s (S - Significante / s-significado) que ele diz ser o que funda a lingüística moderna. O algoritmo é atribuído a Ferdinand de Saussure, embora reconheça que em nenhuma edição do CLG o signo saussuriano apareça assim descrito.

Arrivé (2001) destaca que em Saussure existe uma teoria do signo e ela está relacionada à teoria do significante, uma vez que para Saussure, sem signo não há significante nem significado. Para Saussure (1975, p.156) há uma “delimitação recíproca das unidades”, do significante e do significado, o que se pode perceber na comparação da folha de papel: “não se pode cortar o anverso sem cortar ao mesmo tempo o reverso”.

Arrivé (2001, p.98) explica, também, que em Lacan “até que há, marginalmente, uma

teoria do signo. Mas ela não se articula com a teoria do significante: significante (e significado) de um lado, signo de outro, estão disjuntos”. O significante em Lacan assume uma autonomia em relação ao significado.

Arrivé (1999) destaca ainda que tanto em Saussure quanto em Lacan o significante e o significado são separados por um traço. Para Arrivé (1999, p.85), a barra lacaniana funciona como elemento separador, “barra resistente a significação”, enquanto que o traço em Saussure é um indício da relação recíproca entre os dois componentes do signo.

Embora o algoritmo lacaniano aponte semelhanças com o algoritmo saussuriano, e os elementos se articulem de uma forma também semelhante, a idéia do significante em Lacan é diferente da idéia de significante em Saussure. O significante em Saussure não existe independente do significado, ele está associado a ele, significado e significante mantêm sempre uma relação recíproca.

Segundo Nasio (1993, p.17) o “significante é sempre uma expressão involuntária de um ser falante [...] podendo ser um lapso, um sonho, o relato do sonho, um detalhe desse relato, ou mesmo um gesto, um som ou até um silêncio ou uma interpretação do analista”.

Como se sabe, em Lacan (1999) aquilo que é recalcado é da ordem da representação da palavra, sendo, portanto, da ordem do significante. A primazia do significante aparece claramente na Instância da letra do inconsciente ou a razão desde Freud, quando Lacan (1978a) conta a seguinte história: Um trem chega à estação. Em um compartimento estão sentados um menino e uma menina (irmão e irmã), um em frente ao outro. Da janela podem ser vistos os edifícios da plataforma ao longo da qual o trem estaciona: Olha, diz o menino, chegamos em Senhoras! Imbecil! Responde a irmã, não vê que chegamos em Homens!!

Diante do exemplo podemos perceber como bem coloca Arrivé (1999, p.97) que para Lacan não importa o limite do significante, não importa “a substância, acidental, do elemento chamado a funcionar como significante”, mas sim o modo da sua articulação com os outros.

No seminário 3, Lacan (1988), para explicar o que é da ordem do significante, utiliza o exemplo do passo na areia. O passo na areia é um sinal que o objeto deixa para trás, que independe do sujeito para existir e está lá mesmo sem ninguém para olhá-lo. O significante, afirma Lacan (1988 p.192):

[...] pode estender-se a muitos elementos do domínio do sinal. Mas o significante é um sinal que não remete a um objeto, mesmo sob a forma de rasto, embora o rasto anuncie, no entanto, o seu caráter essencial. Ele é também um sinal de uma ausência. Mas, na medida em que ele faz parte da linguagem, o significante é um sinal que remete a um outro sinal, que é como tal estruturado para significar a ausência de um outro sinal, em outros termos, para se opor a ele num par.

Lacan (1988, p.192) enfatiza que a linguagem começa na oposição a exemplo do dia e da noite. O dia e a noite diz ele não são de maneira nenhuma algo que seja definível pela experiência. “A experiência pode indicar apenas uma série de modulações, de transformações, e mesmo uma pulsação, uma alternância da luz e da obscuridade, com todas as suas transições”. No entanto, é a partir do instante em que há o dia como significante, que esse dia é vulnerável a todas as mudanças podendo significar coisas bem diferentes, dependendo da relação que irá se estabelecer dentro da cadeia.

O exemplo do par dia / noite, homens / mulheres ressalta a idéia de que seria uma ilusão pensar que o significante tem a função de representar o significado. O que Lacan (1985) vem destacar é o caráter diferencial do significante, o significante não é jamais senão um-entre-outros, sendo a diferença pura com os outros na cadeia significante. Os significantes se articulam na diferença e a significação apenas existe na correlação de significante a significante.

Para Lacan, os significantes se articulam na cadeia nos movimentos da metáfora e da metonímia. A metáfora e a metonímia se apresentam como as duas “vertentes fundamentais do jogo do inconsciente” (LACAN, 1978b, p. 338). A metáfora na concepção lacaniana é essencialmente uma centelha criadora de sentido. Uma metáfora produz algo novo e criativo, constitui o sujeito ao mesmo tempo em que o modifica. O mecanismo da metáfora possibilita o sujeito, permite a capacidade de simbolizar.

Portanto, aquilo que a cadeia significante revela é a possibilidade de uma produção de sentidos que acontece numa direção oposta ao discurso linear, ao discurso programado e que a metáfora, justamente porque foge ao esperado, revela sempre algo criativo.

Diante de tudo que foi posto, poderíamos agora perguntar: seria possível no sistema lingüístico saussuriano uma produção de sentidos que não fosse linear? Haveria um movimento entre o previsível e o imprevisível? É o que veremos agora.

O ARBITRÁRIO

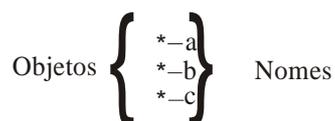
O princípio da arbitrariedade representa para Saussure o fio condutor de uma teoria sobre a língua. A importância do princípio pode ser percebida claramente em uma das passagens do CLG (1975, p.82) que se refere ao arbitrário:

O princípio mencionado acima domina toda a lingüística da língua; suas conseqüências são inúmeras. É verdade que nem todas aparecem, à primeira vista, com igual evidência; somente ao cabo de várias voltas é que as descobrimos e, com elas, a importância primordial do princípio.³

Como se sabe, as reflexões sobre a língua representar ou não a realidade vêm desde a filosofia grega. Como mostra Weedwood (2002), o primeiro texto ocidental sobre a linguagem, o Crátilo, de Platão, questiona se a língua tem vínculo direto e essencial com a realidade física e espiritual ou se é puramente arbitrária. Saussure retoma a questão, criticando qualquer concepção da língua enquanto nomenclatura e defende que a relação que a língua estabelece não é de nomes com objetos exteriores, mas sim de termos entre si, se a língua consistisse apenas em denominar objetos diz ele (2004, p.282) “os diferentes termos dessa língua não teriam relação entre si, ficariam tão separados uns dos outros quanto os próprios objetos”.

Saussure (2004) é enfático na idéia de que sendo a língua apenas uma questão de nomenclatura, a lingüística não teria razão para existir. Em notas para um livro de lingüística geral, datadas entre os anos de 1893 e 1894, encontra-se em Saussure uma formulação radical da exclusão do objeto extra lingüístico. Nas notas ele (2004, p.198) escreve:

Antes o objeto, depois o signo, por conseguinte (o que negaremos sempre) base externa dada ao signo e a representação da linguagem por esta relação:



Enquanto que a verdadeira representação é: a - b - c, fora de qualquer conhecimento de uma relação efetiva como * -- a -, baseada em um objeto.

Esta mesma posição também aparece no esboço de um artigo em homenagem a Whitney, em 1894, em que Saussure (2004) coloca que os símbolos independentes são aqueles cuja característica consiste em não ter nenhuma espécie de relação com o objeto a designar e conseqüentemente de não fazer parte dele, nem mesmo indiretamente. Sabemos que nesta época Saussure utilizava a palavra símbolo para designar signo.

Saussure (2004) defende que não existe nada em comum entre um signo e aquilo que ele designa, e que a entidade lingüística resulta de uma ordem particular de união, formada pela associação de dois elementos igualmente imateriais e absolutamente diferentes: o conceito e a imagem acústica. Para ele (2004) é acidental quando o signo lingüístico corresponde a um objeto e esta correspondência não deve ser tomada como padrão para a língua. O signo lingüístico, então, não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica.

Saussure (2004) enfatiza várias vezes que a imagem acústica não é o som material, mas a impressão psíquica do som, e observa que “uma sucessão de sons vocais, por exemplo, mer (m + e + r) é, talvez, uma entidade que regressa ao domínio da acústica, ou da fisiologia, ela não é de jeito nenhum, nesse estado, uma entidade lingüística”. (SAUSSURE, idem, p.23). A língua existe apenas se a seqüência m + e + r se associa a uma idéia.

Saussure (2004, p.23) considera ainda que não existe entidade lingüística que seja simples uma vez que ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um significante e um significado e “contestar esta dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência lingüística, atirando-a ao domínio dos fatos físicos”. Para ele (2004) a questão de classificar os fatos de uma língua está diante do problema de classificar os acoplamentos destes dois elementos heterogêneos.

Depois de Saussure, segundo De Mauro (1995, nota 129), a crítica da concepção tradicional do signo enquanto nomenclatura foi retomada entre os lingüistas, a exemplo de Hjelmslev e de Martinet. Na tradição filosófica, conforme o autor (1995), Wittgenstein foi quem mais se aproximou da visão saussuriana, apesar de seu ponto de partida ser diferente. No entanto, De Mauro (1995) coloca que seria um erro acreditar que a noção saussuriana tem sido comumente compreendida pelos lingüistas.

Como se percebe, a maioria das críticas sobre a arbitrariedade se limita ao capítulo do CLG sobre a natureza do signo lingüístico. Há uma tendência em vincular a teoria saussuriana do arbitrário ao conteúdo deste capítulo que inclusive parece ser o mais lido de todos. Acontece que o pensamento de Saussure sobre a arbitrariedade ultrapassa as fronteiras, seria um erro então julgar o mestre por apenas seis páginas de uma obra complexa e inacabada.

Na visão de Bouquet (2000), o CLG apresenta um reflexo deformado da problemática do arbitrário. O autor (2000) defende que das 16 passagens que tratam do arbitrário no CLG, nenhuma corresponde a uma formulação original de Saussure. Partindo então dos textos originais, propõe uma outra leitura sobre a noção de arbitrariedade.

Bouquet (2000, p.232) indica que o fato dos editores não terem exposto no CLG as reflexões de Saussure quanto à terminologia significante/signo comprometeu a noção de arbitrário, uma vez que o conceito de arbitrário do signo “como uma dimensão mais ampla do que a do arbitrário do significante diante do significado” aparece no CLG como um conceito opaco.

O texto que faz uma referência explícita ao fato do arbitrário tal como concebeu Saussure no apogeu de sua reflexão, conforme o autor (2000), pertence à aula de 12 de maio de 1911, em que Saussure apresenta uma conclusão da primeira aula datada de 2 de maio que tratou do arbitrário, e faz ao mesmo tempo uma exposição sobre o arbitrário absoluto e o arbitrário relativo.

Referindo-se às anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993) daquela aula, Bouquet (2000) defende que há na teoria saussuriana dois graus de arbitrário: um primeiro grau de arbitrário que pode ser denominado arbitrário interno do signo e um segundo grau de arbitrário que pode ser denominado arbitrário

sistêmico do signo. E que esta dimensão permite considerar a propriedade geral de um arbitrário da língua.

O primeiro grau de arbitrário consiste na relação interna ao signo, entre significante e significado, e está relacionado ao fato de um significante dado corresponder a um significado dado, o fenômeno pode ser considerado em três aspectos a) tomando por objeto o significante, é arbitrário que tal significado seja ligado a ele; b) tomando por objeto o significado, é arbitrário que tal significante seja ligado a ele; c) tomando por objeto a própria relação, é arbitrário que tal significante e tal significado sejam ligados no signo.

O segundo grau de arbitrário, o arbitrário sistêmico do signo, compreende dois fatos arbitrários distintos: o arbitrário do sistema fonológico e o arbitrário do sistema semântico. No arbitrário do sistema fonológico, é arbitrário que o “número dos significantes e as características distintivas dos significantes” de uma língua sejam o que são. No arbitrário do sistema semântico é arbitrário que o “número dos significados e as características distintivas dos significados” de uma língua sejam o que são. (BOUQUET, 2000, p.235).

A noção do segundo grau de arbitrário parece, então, ser um aprofundamento da noção do primeiro grau. Bouquet (2000) lança um olhar que atravessa a relação entre significante e significado e percorre a relação interna do sistema fonológico e do sistema semântico, “no corte realizado por um signo na substância a qual lhe dá forma”. (BOUQUET, 2000, p.235). O autor defende, assim, a idéia de que há em Saussure uma arbitrariedade da língua.

Portanto, podemos observar que o deslocamento da relação entre objeto e signo para a relação entre signos traz implicações importantes para a compreensão do sistema lingüístico. O fato do signo não ter referência externa faz com que o signo só possa ser compreendido dentro de um sistema, todo o seu funcionamento, sua vida, acontece na relação com os outros signos. A partir daí, Saussure (2004) elabora sua premissa maior, a de que a língua não é produto de uma vivência, mas sim um sistema particular de signos, constituída por diferenças puras em que nada é determinado fora da relação entre seus termos. Fato que concede a língua uma ordem própria.

A partir da reflexão saussuriana sobre a noção de arbitrariedade, o objeto da lingüística estava passível de ser reconhecido, pois o caráter arbitrário do signo

distingue radicalmente a língua de qualquer outro sistema semiológico, autenticando uma especificidade, concedendo uma ordem própria, o seu funcionamento, então, estaria em condições de ser apreendido. Como bem coloca Milner (s/d apud SILVEIRA, 2003, p.95) quando diz que

do princípio[...] advém uma conseqüência importante, visto que [...] exclui a intervenção na ordem dos signos de qualquer coisa que pertença à ordem dos seres. O estudo das línguas não tem outra causalidade a conhecer que a causalidade interina à língua.

O VALOR

Partindo do CLG, vemos que a noção de valor aparece distinta da de significação. O CLG traz uma oposição entre valor e significação, deixando bem claro que a significação não é o valor. O conceito de uma palavra, diz Saussure (1975, p. 134), somente é determinado pelo “concurso do que existe fora dela”. Sendo parte de um sistema, a palavra “está revestida de uma significação e de um valor e isso é coisa muito diferente”.

No CLG Saussure (1975) afirma que a significação é a contraparte da imagem acústica. A significação está na instância da relação interna do signo, na ordem de tudo aquilo que se passa entre a imagem acústica e o conceito. Tomando o exemplo da palavra *julgar*, Saussure (1975) explica que dizer que um conceito *julgar* está unido à imagem acústica *julgar*, representa a significação.

Saussure também (1975) coloca que na língua todos os termos são solidários, então o signo, resultante da união entre significado e significante, será de igual modo a contraparte de outros signos da língua, o valor então resulta da relação entre signos, emana da presença simultânea de outros signos. O valor é a contraparte dos termos coexistentes. Saussure (1975, p. 135) afirma que o “valor de um termo está determinado por aquilo que o rodeia, nem sequer da palavra que significa *sol* se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor, línguas há em que é impossível dizer ‘*sentar-se ao sol*’”. O valor de um termo, então, pode se modificar sem que se altere a significação, apenas pelo fato de um outro termo com quem se relacione tenha sofrido alguma modificação.

Entretanto, podemos perceber que esta distinção trazida pelo CLG não aparece de maneira incisiva nos textos originais. Nos textos, valor e significação ora se assemelham, ora se distinguem.

Conforme as anotações de Riedlinger (1969), Saussure coloca que o valor não é a significação. O valor é dado além da significação, pela relação que mantém com os outros termos, pela situação recíproca entre os termos. O valor de uma palavra apenas é determinado por aquilo que a rodeia. A noção de valor então aparece distinta da noção de significação da mesma forma que está no CLG.

De acordo com as anotações de Dégallier (1969), Saussure, retomando a figura do signo lingüístico, indica que a significação é a contraparte da imagem acústica. Entretanto, logo em seguida, observa que a significação que aparece no primeiro momento como a contraparte da imagem acústica é ao mesmo tempo a contraparte dos termos coexistentes. Levando em consideração que o valor de uma palavra resulta somente da coexistência de diferentes termos, então pergunta Saussure: poderia o valor se confundir com a contraparte de imagem acústica? Ou seja com a significação? Saussure coloca que as duas relações são muito difíceis de distinguir

A mesma preocupação é demonstrada por Saussure nas anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993) em que coloca que a significação como a contraparte da imagem acústica e a significação como contraparte de termos coexistentes se confundem e que é muito difícil em quaisquer domínios dizer em que consiste o valor. Vemos que valor e significação assumem as mesmas características e aparecem enquanto sinônimos.

Em seguida, ainda nas anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993) vemos Saussure delimitar a noção de valor dizendo que o valor é determinado por um princípio paradoxal. O valor é constituído: 1) por uma coisa dessemelhante que podemos trocar; 2) por uma coisa semelhante que podemos comparar. Estes dois elementos são essenciais na noção de valor. Tomando o exemplo da moeda de 20 francos, Saussure explica que seu valor está numa coisa dessemelhante que pode ser trocada, como por exemplo, pão; e uma coisa semelhante que pode ser comparada, como por exemplo, com outras moedas de um franco, dois francos. O valor seria a contraparte de uma, ao mesmo tempo em que seria a contraparte da outra.

Conforme Godel (1969), em Saussure a complexidade da noção de valor lingüístico consiste no fato de que o valor depende de três tipos de relações: uma relação interna do signo; uma relação dos termos *in absentia* e uma relação dos termos *in praesentia*. As duas primeiras relações são conseqüências da arbitrariedade e acontecem no eixo paradigmático e a última é conseqüência do caráter linear da língua e acontece no eixo sintagmático.

A relação interna do signo consiste na relação entre imagem acústica e o conceito. A relação *in absentia* é a relação associativa e acontece no eixo paradigmático, em que não existe uma extensão temporal e espacial. Nas relações associativas, um termo chama uma série de outros termos que mantém com ele algum tipo de semelhança, a relação une os termos *in absentia* numa série mnemônica virtual, constitui a memória da língua.

No eixo paradigmático, as palavras se assemelham das mais diversas formas. Saussure (1975) dá alguns exemplos das possíveis semelhanças. Nas palavras ensinamento, ensinar, ensinamos, ensina, temos um elemento em comum que é o radical, em contrapartida no caso das palavras ensinamento e armamento, o elemento em comum é o sufixo. A semelhança pode ser também entre significados apenas, a exemplo de ensinamento, instrução, aprendizagem, educação. Ou entre imagens acústicas, a exemplo de blu, durchbleuen (que se pode exemplificar em português como agosto e a gosto).

A relação *in praesentia* é aquela que acontece no eixo sintagmático, entendendo o sintagma como tudo aquilo que é da competência do caráter linear da língua, espacial e temporal. As palavras se alinham uma após outra, em uma única extensão, em uma única dimensão tempo espacial, mantendo entre si uma relação de oposição.

Em Godel (1969), Saussure não faz a separação entre as relações *in absentia* e *in praesentia*, o valor existe, e é determinado de acordo com os dois eixos concomitantemente, o valor de uma palavra resultará sempre do agrupamento paradigmático e do agrupamento sintagmático. Saussure assim coloca

unidades de associação e unidades discursivas
(grupos no sentido de famílias)(grupos no sentido de sintagmas)
Na unidade de um grupo de associação (dominas, domino, désireux,
malheureux, chanceux...) há sempre um elemento variável e um
elemento constante. [...] um sintagma, ao contrário, comporta uma

ordem, um seqüência linear, qualquer que seja sua grandeza (palavra analisável, composta, frase). O mecanismo consiste em empregar tipos de sintagmas que temos em mente, pondo em jogo os grupos de associação para aportar a diferença desejada. [...] Todo valor resulta desse duplo agrupamento.(GODEL, 1969, p.72) (tradução nossa)⁴

Portanto podemos perceber que o valor de uma palavra é determinado por uma relação paradigmática, mas também, e ao mesmo tempo, por uma relação sintagmática, o valor então seria fruto da interseção destes dois eixos.

Conforme as anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993), Saussure coloca que o sistema ao qual os termos pertence é uma das fontes de valor. Então quais outras fontes de valor haveriam?

No CLG vemos Saussure (1975) colocar que a coletividade é necessária para estabelecer os valores, cuja razão de ser está no consenso e no uso. A mesma posição é também reafirmada nos Escritos de Lingüística Geral quando Saussure explica que a coletividade deve ser considerada um dos elementos internos e não externos. É a coletividade que gera o valor, o que significa pensar que o valor não existe nem antes nem fora da coletividade, o valor não pode ser estabelecido isoladamente. Para Saussure (2004) o sistema de signos é feito para a coletividade, assim como o barco é feito para o mar.

Godel (1969) defende que há em Saussure a idéia de duas fontes de valor. Uma fonte de valor que é o sistema e outra fonte de valor que é a coletividade. A partir daí sugere que poder-se-ia pensar em duas ordens de valor: valor recíproco e valor em si. O valor recíproco seria resultado do sistema, fruto do jogo das relações entre os termos e o valor em si seria resultado da coletividade.

Tomamos então o exemplo da palavra *sol*. O valor da palavra *sol* resulta do jogo de relações de diferenças e oposição entre os termos, mantido no sistema da língua, o seu valor é outorgado pela força social que o sanciona, assim uma parte do valor da palavra *sol* é fixado pela coletividade (o valor em si), mas ao mesmo tempo, em estando no sistema da língua, a palavra *sol* permanece em relação recíproca com os outros termos, a relação recíproca entre os termos possibilitará que o seu valor (o valor em si) nunca esteja totalmente determinado.

Saussure (2004) é bastante enfático na idéia de que o valor de um termo nunca está totalmente determinado, os termos são pela relação de diferença e oposição que mantém no sistema da língua.

Saussure (1975) explica que se as palavras fossem encarregadas de representar previamente os conceitos, cada uma delas possuiria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos, mas isto não acontece. Para Saussure (1975) aquilo que emana do sistema da língua não são idéias dadas de antemão, mas sim valores “puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações como os outros termos do sistema. Sua característica é ser o que os outros não são”. (SAUSSURE, 1975, p.136).

AS RUPTURAS

O princípio da diferença segundo Saussure (1975) é tão essencial que pode ser aplicado a todos os outros elementos materiais da língua, inclusive aos fonemas. Saussure (1975) explica que cada idioma compõe suas palavras baseado em um sistema de elementos sonoros. Cada um destes elementos forma unidades que são delimitadas. No entanto, aquilo que caracteriza os fonemas não é a sua qualidade própria e positiva, mas sim o fato de não se confundirem entre si, assim, “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas”. (SAUSSURE, 1975, p.138)

O significante lingüístico diz Saussure (1975) não é de maneira nenhuma algo fônico, e sim algo incorpóreo, a sua essência não é constituída por uma substância material, mas unicamente por diferenças que vão separar uma imagem acústica da outra.

De Mauro (1995, nota 65) observa que o sistema de valores da língua é algo diferente das realizações fônicas (fônico-acústico) e significativas (lógico-psicológico) dos atos particulares da fala. O autor sugere que se tomarmos como base de identificação a realidade fônica e a realidade lógico-psicológica das significações naquilo que elas valem, ou seja, o seu valor, pode-se dizer que os valores das fonias são os significantes da língua e os valores das significações são os significados. Tais valores não sendo determinados, sendo arbitrários tanto do ponto de vista fônico-

acústico quando do ponto de vista lógico-psicológico, se delimitam reciprocamente e formam um sistema. O sistema de valores por conseguinte não é formado de materiais fônico-acústicos e lógico-psicológicos, mas sim de figuras determinadas de tais materiais, sendo portanto uma forma. A forma é abstrata, sendo somente concreta do ponto de vista da consciência dos interlocutores quando falam.

Vemos que segundo Saussure (2004) o valor exprime melhor do que qualquer outra palavra, a essência da língua: o fato de que uma forma não significa, mas vale, e se ela vale, ela implica na existência de outros valores. Sendo assim aquilo que faz a identidade de uma rua demolida e reconstruída novamente não é o seu aspecto material, mas sim o fato dela ter o mesmo valor.

A noção de valor lingüístico nos faz compreender a língua enquanto sistema completamente desprovido de substância, funcionando apenas como formas que se definem pela pura diferença. Entretanto, podemos observar que a noção da língua que funciona pela diferença é marcada em Saussure por uma certa positividade.

No CLG Saussure (1975, p. 139) considera que na língua existem apenas diferenças sem termos positivos. “Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema”.

No entanto, Saussure (1975, p.139) alerta que o signo tomado em sua totalidade é considerado um fato positivo e que “dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem.”. De Mauro (1995) observa que esta passagem é de grande importância teórica, pois ao dizer que o signo é uma entidade positiva Saussure o coloca como uma entidade concreta.

Saussure (1975) acrescenta ainda que quando se comparam os signos entre si (termos positivos) não se pode mais falar de diferença, mas sim de oposição. Observamos que ao distinguir *diferença* de *oposição*, Saussure (1975) considera que a relação existente entre significado e significante acontece por diferença, e a relação entre um signo e outro acontece por oposição.

Silveira (2003, p.56) referindo-se a estas passagens do CLG observa que:

é preciso notar que em determinado momento, a diferença é dada como propriedade dos elementos lingüísticos, embora a diferença só se constitua em uma relação, já no outro momento, trata-se da diferença unicamente enquanto relação e na possibilidade de haver distinção. Ou seja, pode ser uma relação de diferença ou de oposição sem com isso alterar a propriedade do que está em um ou outro tipo de relação.

O signo considerado em sua totalidade é uma coisa positiva, fruto da combinação da relação de diferença entre o significante e o significado. Tomado no sistema da língua, o signo mantém com os outros signos uma relação de oposição. Diferença e oposição não são da mesma natureza, mas constituem o signo, “a primeira se sustenta no princípio da negatividade (ser o que os outros não são), a segunda requer alguma positividade para que haja oposição” (SILVEIRA, 2003, p.57).

No entanto, embora constituam relações distintas, percebe-se que a relação de oposição entre os signos conserva a propriedade da negatividade. Tal concepção se torna clara quando Saussure (2004, p.68) analisando a questão da negatividade da sinonímia dá o seguinte exemplo:

O *sol* parece representar uma idéia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra *lua*: entretanto, quando Diógenes diz a Alexandre “Sai da frente do meu *sol*!”, não há mais, em *sol*, nada de *sol* a não ser a oposição com a idéia de *sombra*, e a própria idéia de *sombra* é apenas a negação combinada da idéia de *luz*, de *noite fechada*, de *penumbra*, etc, acrescentada à negação da coisa iluminada com relação ao espaço obscurecido. Retomando a palavra *lua*, pode-se dizer a *lua aparece*, a *lua cresce*, a *lua decresce*, a *lua se renova*, semearemos na *lua nova* [...]

Saussure observa que (2004, p. 68-69) tudo o que “pomos em lua é absolutamente negativo, vindo apenas da ausência de um outro termo”. Não é a idéia positiva contida em lua ou sol, em água, ar ou árvore, mas o fato de que todas essas denominações são igualmente negativas, “ significam apenas com relação às idéias inseridas em outros termos (igualmente negativos), não tem, em nenhum momento, a pretensão de se aplicar a um objeto definido em si”. Há então na língua uma tensão que se estabelece entre o UM e o NÃO-UM. A negatividade faz como que haja sempre na língua uma ausência e, portanto uma possibilidade de acontecimento.

À GUISA DE UMA CONCLUSÃO

Podemos perceber então que tanto em Saussure quanto em Lacan existe a idéia de que há algo na produção do discurso que foge ao domínio do sujeito, algo que escapa ao locutor. Ao falar sempre dizemos mais do que pretendemos, mais do que temos consciência.

Vimos que a questão do sentido para a psicanálise está colocada de forma diferente da que costumamos encontrar na lingüística. O sentido está colocado para a psicanálise exatamente onde não aparenta estar, isto é, nas falhas. O falar nunca assume uma única dimensão, inerente à formação do sujeito há sempre um mais ainda a ser dito. A linguagem antes de ser um lugar de transparência é um lugar de ocultamento.

Procuramos então observar na noção da cadeia significante lacaniana os movimentos de sentido. Lacan (1978a) afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que os significantes se articulam na cadeia nos movimentos da metáfora e da metonímia que são semelhantes aos movimentos de deslocamento e condensação em Freud. A metáfora e a metonímia são as duas vertentes principais do inconsciente. Para Lacan (1999), não há sujeito se não houver um significante que o funde.

A psicanálise nos traz a noção de que o discurso consciente é sempre lacunar e que nas lacunas do discurso consciente há um Outro discurso que insiste em se inscrever. O Outro discurso longe de ser uma mera falha pode ser considerado como um movimento de produção de sentidos.

Para a psicanálise, não há novidade alguma em buscar compreender o nonsense, uma vez que o que mais importa para o analista é o momento em que o discurso pode desfocar, desfazer, cair, onde a falha aparece, fazendo vacilar as significações mais estabelecidas. A psicanálise já expõe com primazia como o nonsense se constitui.

Entretanto, no campo da lingüística, buscar compreender o nonsense ainda é um desafio, falar de uma produção de sentidos que contem a falha como constitutiva, pode soar como algo estranho, mas é o próprio Saussure quem mostra um caminho, quando nas anotações de Riedlinger (apud FEHR, 2000,

p.133) afirma que “o interessante no signo a ser estudado são os aspectos através dos quais ele escapa à nossa vontade. É lá que está a esfera verdadeira, pois não podemos mais reduzi-la”.

A noção de arbitrariedade assume um papel fundamental na delimitação do objeto da lingüística. A partir da noção de arbitrariedade, Saussure desloca a relação entre objeto e signo para a relação entre signos. A língua então passa a ser compreendida como um sistema de signos, constituída por diferenças puras em que nada é delimitado fora da relação entre seus termos.

Conseqüência da arbitrariedade, a noção de valor lingüístico traz para o signo uma propriedade diferencial. O fato de que uma forma não significa, mas vale pela diferença, e se ela vale, ela implica na existência de outros valores, nos leva a pensar que a noção de valor lingüístico provê uma língua em movimento constante, aberta a rupturas. A concepção de valor leva à compreensão de que a língua em Saussure não é um sistema estático, é um sistema dinâmico e em constante movimento, onde o inesperado acontece.

Sendo o valor relativo, então o valor de uma palavra não está totalmente determinado, há sempre a possibilidade de um *mais ainda*. É justamente o caráter relativo do valor, baseado na diferença que faz com que a língua seja um sistema dinâmico, em que o sentido como coloca Starobinski (1971) é resultado do emprego combinatório, um produto variável e não um dado prévio.

Portanto, o princípio saussuriano de arbitrariedade e a teoria do valor vêm colocar em questão algumas das críticas que afirmam ter Saussure desconsiderado o dinamismo da língua. Ao contrário do que parece a primeira vista, Saussure provê uma língua em movimento, aberta a rupturas. A noção de arbitrariedade e a teoria do valor levam à compreensão de que a língua em Saussure não é um sistema estático, mas sim, é antes de tudo um sistema que permite os deslizamentos de sentidos. Esse sistema, estando longe de ser um sistema fechado em si e por si, é um sistema dinâmico e em constante movimento, onde o inesperado acontece.

THE RUPTURES OF SAYING: A DISCUSSION OF THE PRODUCTION OF MEANINGS IN LANGUAGE

ABSTRACT

At this paper, as a result of an ongoing theoretical doctoral study, we intended to discuss the question of the meanings production throughout the relation between linguistics and psychoanalysis. From the notion of lacanian significant theory we asked: Is possible to understand in the saussurian linguistic system a not linear meanings production? Is possible to have in Saussure a movement between the expected and the unexpected? We started from the arbitrariness notion and the consequent theory of the value. We propose, across arbitrariness and value notion, that the saussurian linguistic system is besides everything a work with the meanings production. The system of the language defined by Saussure allows us to see a possibility to understand a meanings production that it is not only linear, but also resulted from a contrary movement, open to ruptures.

Keywords: Meanings production. Significant. Linguistic system. Arbitrariness. Value.

NOTAS

- ¹ Doutoranda em Letras.
- ² Mini-curso ministrado no Programa de Pós-graduação em Letras, da UFPB, em setembro de 2006.
- ³ De acordo com De Mauro (1995, nota 138), este parágrafo do CLG é um reflexo fiel das fontes manuscritas. A passagem é importante porque leva a considerar que Saussure tinha descoberto, no princípio da arbitrariedade, o alicerce de sistematização da teoria lingüística, dando assim, um primeiro passo na compreensão profunda do tema do arbitrário.
- ⁴ des unités d'association (groupes au sens de familles) et des unités discursives (groupes au sens de syntagmes). Dans l'unité d'un groupe d'association (dominus, domino; désireux, malheureux, chanceux), il y a toujours un élément variable et un élément constant. [...] Un syntagme, au contraire, comporte un ordre, une suite linéaire, quelle qu'em soit l'ampleur (mot analysable, composé, phrase). Le mécanisme consiste à employer des types de syntagmes que nous avons en tête, en faisant jouer les groupes d'association pour amener la différence voulue [...] Toute valeur résulte de ce double groupement

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e Psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARRIVÉ, Michel. *Lingüística e Psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. Tradução Mário Laranjeira e Alain Mouzart. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BEIVIDAS, Waldir, *O significante em psicanálise e a preterição do significado*. Versão em português de artigo publicado sob o título "The signifier in psychoanalysis and preterition of the signified" Bacab-working papers 2ª série, nº 1, vol. 1, São Paulo, Centro de Estudos Semióticos, 1994. Disponível em: <
<http://www.nucleosephora.com>>. Acesso em 01 jun. 2006. 20p

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

DÉGALLIER.G. *Cahiers d'étudiants. Cours de linguistique générale*. In: GODEL, Robert. Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure. 2.ed. Genebra: Librairie Droz S.A, 1969. p. 76-92

DE MAURO, Tullio. "Notas". In: SAUSSURRE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. 4.ed. Paris: Payot, 1995.(notas traduzidas/ não paginado)

FEHR, Jonhannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie* .Paris: PUF, 2000.

FLORES, Valdir. *Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*.Porto Alegre: EDIPUC, 1999.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. 2.ed. Genebra: Librairie Droz S.A, 1969.

KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy. (Eds.).*Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin*. Oxford: Pergamon Press, 1993.

LACAN, Jacques. *A função criativa da palavra*. In: LACAN, Jacques. O Seminário: livro 1: Os escritos técnicos de Freud. São Paulo: Jorge Zahar, 1987.

LACAN, Jacques. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. Tradução

Inês Oseki. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978a.

LACAN, Jacques. *A metáfora do sujeito*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Inês Oseki-Depré São Paulo: Perspectiva, 1978b.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval* (1960, retomado em 1964). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 20: mais, ainda*. Tradução M.D. Magno. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 3: as psicoses*. Tradução Aluísio Mendes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *Radiofonia*. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan uma introdução*. Tradução Durval Checchinato. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

NASIO, Juan-David. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

NÓBREGA, Mônica. *A articulação entre a lingüística e a psicanálise e a produção de sentido na língua*. In: TRAVAGLIA, Luis Carlos et alii(orgs). *Lingüística caminhos e descaminhos em perspectiva*. Uberlândia: Editora da UFU, 2006.

RIEDLINGER, A. *Cahiers d'étudiants. Cours de linguistique générale*. In: GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. 2.ed. Genebra: Librairie Droz S.A, 1969. p. 53-73

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand. *Escritos de Lingüística Geral*. Org. Bouquet Simon; Engler Rudolf. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Eliane Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure*. Trad. Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1971.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUC , 2000

WEEDWOOD, Bárbara. *História Concisa da Lingüística*. São Paulo:Parábola Editorial,2002